

A Experiência Neopentecostal na Prisão: Uma discussão sobre efervescência religiosa, racionalidade e secularização

The experience of the Evangelical in the Prison. One discussion on the religious growth, rationality and secularization

Flávia Valéria C. B. Melo

UCG

Correio eletrônico: flavia_valeria@yahoo.com.br

Resumo: Este artigo busca investigar a atuação das igrejas evangélicas dentro prisão em Goiânia. Três igrejas serão observadas: Igreja Universal do Reino de Deus, Igreja Pentecostal Deus é Amor e Igreja Luz para os Povos.

Este estudo analisa o funcionamento da religião representado por estas igrejas face às necessidades e dificuldades vividas pelo presidiário dentro do cárcere.

O texto baseia-se na sociologia da religião estabelecendo parâmetros que justificam as intenções das igrejas, dos presos e da prisão ao se relacionarem.

Palavras chaves: Igrejas evangélicas – Presos – Instituição carcerária – Racionalidade – Secularização.

Abstract: This article seeks to investigate the action of the evangelical church in the prison of Goiânia. Three churches will be observed: Universal do Reino de Deus, Deus é Amor and Luz para os Povos.

This study analyzes the religion represented by these churches based on the necessity and difficulty lived by prisoner in the jail.

This text is based in the sociology of religion establishing parameters that justify the intention of these churches, the prisoner and the jail when they relate each other.

Key-words: Evangelical churches – Prisoner – Prison – Rationality – Secularization

Segura na mão de Deus...
Segura na mão de Deus (...)
Pois ela, ela te sustentará!
Não temas, segue adiante e não olhes para trás!
Mas segura na mão de Deus e vai (...)
(Trecho de uma música comumente cantada pelos presos durante os cultos pentecostais na Agência Prisional).

Na perspectiva de investigar as influências das igrejas pentecostais na vida dos detentos foram observadas e interrogadas¹ no ano de 2004 três igrejas atuantes no presídio de Goiânia: a Igreja Universal do Reino de Deus, a Igreja Pentecostal Deus é Amor e a Igreja Luz para os Povos. Para obtenção e levantamento dos dados para análise, a pesquisa foi realizada dentro da Agência Goiana do Sistema Prisional na região metropolitana em Goiânia-GO. O trabalho de campo durou doze meses e adotou os seguintes métodos investigativos: observação, diário de campo, entrevistas semidirigidas que serviram para conhecer as opiniões, fatos ou testemunhos sobre determinadas questões, depoimentos que serviram para analisar as histórias de vida dos presos e finalmente, questionários fechados, com perguntas mais adequadas às informações que precisavam ser obtidas pelos presos como, por exemplo, perfil etário, nível educacional, posição econômica, tempo de cumprimento da pena, etc.

Da pesquisa, nasce o interesse pela elaboração deste artigo, que pretende apresentar alguns resultados obtidos ao longo da investigação, como por exemplo, porque as igrejas evangélicas assumem dentro do presídio atribuições que ultrapassam as limitações religiosas tradicionais, alcançando outros campos, como a assistência social, o apoio financeiro, a interferência jurídica etc.

Bourdieu afirma que, a religião realmente vai além de uma demarcação propriamente religiosa, cumprindo também funções sociais:

¹ Pesquisa realizada em 2004 para Dissertação de Mestrado na Universidade Católica de Goiás.

Se a religião cumpre funções sociais, tornando-se, portanto, passível de análise sociológica, tal se deve ao fato de que os leigos não esperam da religião apenas justificações de existir capazes de livrá-los da angústia existencial da contingência e da solidão, da miséria biológica, da doença, do sofrimento ou da morte. Contam com ela para que lhes forneça justificações de existir em uma posição social determinada, em suma, de existir como de fato existem, ou seja, com todas as propriedades que lhes são socialmente inerentes. (Bourdieu, 1998: 48)

Tornando-se, portanto, passível de análise sociológica, o tema proposto nesse artigo pretende observar a partir da citação acima, como as igrejas evangélicas atuam face à população carcerária no presídio. Essa população, ou parte significativa dela assiste dentro da prisão, por intermédio de Jesus, a oferta religiosa como saída para os seus problemas.

Da interligação entre religião e prisão, a primeira foi observada como saída² para aqueles que vêem na igreja um mecanismo de perspectivas para os dramas e as angústias da população carcerária observada. Diante de tudo isso se pode perguntar: Como, para quê e por que essas igrejas repercutem na vida daqueles homens? E por que eles aderem às suas doutrinas, e, também desejosos de receber algo em troca, participam de seus ritos e acreditam em seus discursos?

Para explicar o valor que o rito tem durante um culto religioso, O'Dea (1969: 61) explica que ele é a “constante reiteração de sentimentos” e uma “repetição disciplinada de atitudes corretas”. Dessa forma, o ato de culto é um ato social de reunião, em que o grupo restabelece sua relação com os objetos sagrados e, através destes, com o além, e ao fazê-lo reforça sua solidariedade e reafirma seus valores.

Para responder às questões levantadas no penúltimo parágrafo, principalmente a atuação das igrejas na vida dos detentos, foi preciso fazer um

² A saída não está somente no sentido literário da palavra que é o momento de egresso do preso, mas na negação das coisas que o detento está vivendo.

apanhado das principais contribuições oferecidas pelas teorias sociológicas com enfoque nas situações que foram observadas dentro do presídio.

A sociologia da religião enquanto ciência dispensa a pretensão de definir a atuação dessas igrejas como algo certo ou errado, positivo ou negativo, útil ou inútil, o que vale aqui é pesquisar qual é o significado religioso e social destas igrejas na vida dos presos e quais são as causas e os efeitos que estas igrejas provocam em seus fiéis.

O fator pobreza pode ser um dos caminhos para se analisar a relação entre igreja e preso. Há indicação sociológica por exemplo, que argumenta que os evangélicos são mais numerosos entre os que têm renda mais baixa, entre os menos instruídos e entre os negros, sobretudo os mulatos. Sendo que 60 a 70% dos evangélicos são pentecostais. Corten (1996: 83)

Parece que o detento adere ao pentecostalismo assim como as massas mais pobres e desfavorecidas das cidades também aderem. O fiel que está preso parece não ser diferente do fiel que está solto, suas necessidades podem diferenciar-se em alguns aspectos, mas os quesitos opressão econômica e carência educacional, os tornam parecidos. Tanto na penitenciária como na rua, existem pessoas que sofrem do abandono social e econômico, que buscam uma intervenção para a situação em que vivem. Esta ajuda aparece na pregação da igreja pentecostal, cujo discurso do pastor lhes promete a solução desses problemas, não apenas pelas práticas religiosas, mas também pelas práticas assistencialistas, pela amizade, pela disposição em ouvi-los, etc.

Daí a relevância de se remeter ao marxismo no que diz respeito à sociologia da religião. Segundo Assmann e Reyes (1974: 94), Marx compreende a alienação no sentido religioso quando o fiel tem a necessidade de ver em Deus o seu consolo, a sua justificativa, buscando no céu aquilo que ele espera. Na opinião do autor, esse é o fundamento da crítica religiosa feita por Marx, quando ele explica que a religião é o suspiro da cultura oprimida. Por essa ótica, a religião é compreendida como o mero ópio do povo. É pela crítica

da religião que o homem se desengana, porque quanto mais religioso for o homem, maior será a sua alienação. O autor ainda acrescenta que no ponto de vista marxista, torna-se necessário abolir a religião para que a forma real aconteça, porque a crítica à religião desengana o homem, liberta-o para que ele pense, para que atue e modele sua realidade como um homem desenganado. Nesse caso, torna-se inoportuno o homem buscar na religião aquilo que ele não tem.

Quanto ao marxismo, com a função de censurar a tendência à emoção, à compaixão, frente à escandalosa miséria de que são testemunhas os teólogos, essa corrente permite deslocar a emoção para um discurso sobre as estruturas, sobre as necessidades de mudanças estruturais. (Corten, 1996: 26)

Num outro aspecto, quanto ao uso da teologia, enquanto articulação da experiência da gratuidade amorosa de Deus, há uma palavra própria a oferecer àqueles que pautam sua existência a partir de um referencial religioso e cristão:

É de sua visão de mundo, de sua religião, que as pessoas interpretam o que acontece com elas, que tomam decisões e apontam o rumo para onde desejam orientar suas existências. Com efeito, não é da ciência que se espera uma resposta pelo sentido das coisas e da vida, ou pelo valor intrínseco de determinado modelo socioeconômico. Não é da economia que se espera um juízo sobre o grau de humanidade ou desumanidade das próprias práticas econômicas. O Deus que se revela no testemunho de vida e luta, fé e esperança é o defensor e a garantia última do projeto de humanização dos esquecidos e excluídos, a quem a velha e a nova “ordem” capitalista reservam apenas um “não-lugar”, correspondente à sua imposta condição de “não-homens” (não-consumidores). (Moreira, 1998: 148).

Nesse caso, o Jesus ou o Deus ensinado pelos pastores pentecostais é o defensor último daqueles que se sentem excluídos pelo sistema econômico, cujo poder é transformador e paternal. Pela conversão, no contexto analisado, não importa mais se eles são presidiários e criminosos, o que importa é que pela bondade, esses homens serão os filhos herdeiros desse mesmo Deus, dono do ouro e da prata.

Em íntima aproximação ao que os pastores discursam, suas pregações falam sobre aquilo que os presos vivem e dentro dessa empatia com os seus lamentos, os pastores oferecem mudanças que contrastam com a pobreza, com a doença e com o abandono.

As igrejas Universal, Luz para os Povos e Deus é Amor fazem parte de um contingente evangélico crescente e significativo, fazendo-se perceber com clareza que a tese da secularização é contraditável nos nossos dias. Segundo Berger (2001: 10), a secularização do mundo vem a ser a tese de que a modernidade leva necessariamente ao declínio da religião.

E como resultado dessa oferta religiosa pentecostal, seus fiéis tornam-se cada vez mais numerosos, embora tenhamos vivido numa sociedade moderna, previamente imaginada como secular. Mas o fenômeno religioso, principalmente o do mundo pentecostal, não foi amortecido pela modernidade, como poderia prever a corrente que defendia a tese da secularização, mas ao contrário, seu sucesso se deve exatamente ao mundo moderno e à forma através da qual ele envolve a vida do indivíduo.

Podemos, portanto, no século XXI, contemplar como cientistas da religião, inclusive em nosso país, o surgimento de várias igrejas neopentecostais autóctones e de estrutura bem equipada, com atuação efetiva nos centros urbanos, periferias, cidades de pequeno e grande porte, que alcançam não apenas os segmentos urbanos comuns, mas locais longínquos e separados, como os presídios.

Segundo Campos (1997: 33), o que está na ordem do dia não é mais a extinção e, sim, a efervescência da religião, exatamente no interior de uma civilização que, ao menos teoricamente, deveria ter obstaculizado tal sobrevivência. Rompida a hegemonia do paradigma da secularização, alguns de seus próprios entusiastas procuraram rever suas posições e passaram a considerar os fundamentalismos e pentecostalismos os mais importantes fenômenos religiosos do século:

Argumento ser falsa a suposição de que vivemos em um mundo secularizado. O mundo de hoje, com algumas exceções que logo mencionarei, é tão ferozmente religioso quanto antes, e até mais em certos lugares. Isso quer dizer que toda uma literatura por historiadores e cientistas sociais vagamente chamada de “teoria da secularização” está essencialmente equivocada. Em trabalhos anteriores, contribuí para essa literatura. Eu estava em boa companhia – a maioria dos sociólogos da religião tinha opiniões semelhantes, e nós tínhamos boas razões para afirmá-las. (Berger, 2001: 10)

A citação anterior refere-se a um artigo produzido por Peter Berger em que o autor argumenta ter se equivocado anteriormente ao ter previsto a secularização da religião, refazendo, portanto, as considerações que devem ser dadas ao fenômeno religioso chamado pentecostalismo, bem como seu repertório no cenário atual.

O repertório da religião no presídio

A vida no presídio oferece o mínimo possível de proteção e conforto. Como resultado disso, os detentos experimentam uma crescente situação de incerteza em relação ao futuro. E é dentro desse aspecto que a religião se mostra como uma saída para quem está preso. Nessas condições, a instituição prisional parece precisar de parceria das igrejas e de outras instituições que lhe sirvam de apoio, porque sozinha, ela é uma instituição que não tem um caráter socializador, mas punitivo.

Vendo-se como útil dentro do presídio, as igrejas procuram assumir uma ação terapêutica, cujas sensações, ao serem praticadas numa instituição fechada, são percebidas como algo muito valorizado entre os detentos. Essas sensações procuram despertar aquilo que o presídio não consegue oferecer, que é liberar entre aqueles homens, um sentimento acolhedor, oferecendo proteção e conforto espiritual. A bíblia debaixo do braço do fiel que transita pelo pátio do presídio parece ser, aos olhos de quem assiste, um sinal de satisfação e motivo de exibição aos colegas não convertidos.

Aparentemente bem relacionados aos presos, os voluntários³ – dentre eles estão os grupos pentecostais que formam a maior parte deles – costumam levar algumas doações aos presos. Quanto ao grupo evangélico, além da Bíblia e dos folhetos, principalmente nos dias de domingo, distribuem alguns itens básicos de higiene⁴ como sabonetes, cremes dentais, desodorantes, aparelhos de barbear etc. e também roupas, sapatos e alimentos como presentes e que são bem recebidos pelos internos. Isso explicita, portanto, que além do fator religioso, a visita pode oferecer benefícios assistenciais, psicológicos, materiais e afetivos.

Em conversa com os presos, ouvi alguns relatos sobre a assistência material que recebem das igrejas e que garantem a higiene de alguns desses homens. Alguns chegaram a comentar que se não fosse realizada a doação desses itens pelas igrejas pentecostais, não teriam condições de adquiri-los porque não recebem visitas familiares e também porque o presídio não dá esses produtos a eles.

Mas cabe aqui a exposição de duas ressalvas: em primeiro lugar, não são todos os grupos evangélicos que foram vistos fazendo doações e, e em segundo, essas doações não são realizadas rotineiramente, em todos os domingos. Em relação à Igreja Universal do Reino de Deus, por exemplo, apesar de ela evidenciar inclusive em *site* eletrônico a realização de trabalhos solidários em vários presídios brasileiros, como plantações de hortas, cortes de cabelo, cesta básica etc., não foi observada, durante a pesquisa, nenhuma doação feita por parte desta, pelo menos no presídio em Goiânia. Mas os detentos reparam isso. Em alguns depoimentos, os presos recém-convertidos chegaram a declarar que se continuassem a não receber ajuda material da igreja, abandonariam a fé. Outros chegaram a dizer que estavam pensando em mudar de igreja para ter ajuda material. Nesse momento, torna-se oportuno

³ O grupo de voluntários é cadastrado na Agência Prisional. Dentre os voluntários estão pastores, obreiros, mães e mulheres dos detentos, ex-presidiários etc.

⁴ De acordo com os detentos, fazem parte do kit: sabonete, pente, desodorante, aparelho de barbear, toalha de banho, creme dental e escova de dente.

dizer que a igreja que recebe a maior freqüência de fiéis é aquela que faz maiores doações no presídio – que no caso é a Igreja Pentecostal Deus é Amor.

Vendo pelo olhar de Weber (1991: 293), o fato acima parece ser uma questão de resultados, ou seja, a igreja que ajuda mais, parece ser a que recebe maior quantidade de fiéis. Sobre isso, Weber explica que não é somente o mago que tem de provar seu carisma, mas também o deus, que precisa provar o seu poder. O funcionamento da religião utiliza o formato do “toma lá dá cá”. Se o mago não corresponder às expectativas, o indivíduo pensa em abandonar esta religião.

Analisando sociologicamente, nota-se que ocorre uma troca de interesses. Esse “toma lá dá cá” é a transferência recíproca de necessidades expressas pelo detento e pela igreja.

De um lado está o detento que precisa da igreja para ajudá-lo materialmente (porque não tem dinheiro, não trabalha, o presídio não lhe oferece tal ajuda e a família que em vários casos não o visita para ajudá-lo), que precisa da cura da doença por meio sobrenatural, porque a assistência médica do presídio é caótica, que precisa de entretenimento porque lá na igreja ele envolve o seu tempo com atividades do culto, goza de maior prestígio social em suas relações com outros detentos, incrementa seu status social porque fala ao microfone, canta, dá testemunhos, dá conselhos aos outros, redefinindo-se à frente dos outros como um ser transformado e não mais moralmente marginalizado. Isso garante um sentimento familiar uns com outros, substituindo os laços familiares perdidos, em que se chamam uns aos outros de irmãos e abraçam-se, oram juntos, etc., o que oferece segurança e confiança de que Deus cuidará da sua estada no presídio, dando conforto e coragem para transformar as situações difíceis. Enfim, o preso busca uma série de outras necessidades que podem ser supridas pela igreja, mesmo que de forma sumária.

De outro lado está a igreja que precisa do detento para preencher seus bancos bem como de seus familiares que ali vão visitá-lo, que por sua vez, podem se converter e passar a praticar a mesma religião nos seus templos lá fora, garantindo o crescimento de fiéis não só dentro da igreja local, mas também das tantas outras igrejas próximas às residências dos visitantes, favorecendo o trabalho de outros pastores da sua denominação. Esse proselitismo faz nascer a dúvida sobre a estratégia solidária da igreja no presídio e a revelação de seu repertório visando retornos oportunos, até mesmo porque expressando também seus preconceitos contra outras religiões, como a afro-brasileira, as igrejas pentecostais também evitam o foco de crescimento daquelas religiões a partir do presídio, garantindo assim, a oposição religiosa dentro e fora dele. Isso leva a crer que oferecendo aos presos o que eles estão desejosos por adquirir na cadeia, as igrejas evangélicas geram a oportunidade de novos agentes, como obreiros e pastores, cujo empreendimento convalida a ação de novos líderes de suas igrejas. Mas isso não pode ser visto de forma pejorativa, não se deve esquecer que de fato, a igreja dentro do presídio, para que sobreviva em suas dependências, precisa incorporar um estilo peculiar e adequado ao que o detento vivencia em seu dia-a-dia, devendo dessa forma, atender às suas necessidades.

A igreja pode assumir então, dentro de sua estratégia solidária, o papel de uma instituição preocupada em ser uma comunidade integradora, voltada para a participação social do grupo:

(...) Pois recebe “indivíduos-fora-do-mundo” e envia de volta para a sociedade “indivíduos-no-mundo”, agressivos, tenazes, dispostos, otimistas, desejosos de assumir a parte, que pensam lhes caber, na distribuição de riquezas e benefícios desse “estar-no-mundo”. (Campos, 1997: 136)

A citação acima faz sentido quando no momento do culto no presídio, alguns detentos chegam a testemunhar os motivos que os levaram àquele lugar, reconhecendo-se fracos e carentes do elo religioso proposto pela igreja,

reconhecendo que se encontravam nas garras do diabo - como “indivíduos-fora-do-mundo” - e que somente a igreja é capaz de enviá-los para a sociedade como servos de Deus - “indivíduos-no-mundo”. Nesse caso, a religião no cotidiano do presídio torna-se algo plausível e necessário na vida destes fiéis.

Ao se questionar por que a ação das igrejas evangélica dentro da penitenciária de Goiânia encontra tamanha repercussão e por que os fiéis correspondem aderem às suas doutrinas, em Weber, a resposta poderá ser construída a partir de um ponto em comum: ambos são movidos por interesses racionais.

Weber explica que a ação religiosa dos indivíduos é uma ação racional:

A ação religiosa ou magicamente motivada, em sua existência primordial está orientada para este mundo. As ações religiosas ou magicamente exigidas devem ser realizadas "para que vás muito bem e vivas muitos e muitos anos sobre a face da Terra. (Weber,1991: 279).

Nas visitas realizadas ao presídio, observou-se que o contexto teológico criado pelos pastores e demais voluntários estava, na sua maioria, adaptado à vivência cotidiana dos detentos para que assim eles se sentissem impactados pela intenção do culto. Viu-se também que os detentos tinham interesses racionais ao participarem dos ritos, das orações, das campanhas, enfim, dos cultos dirigidos pelos grupos evangélicos. Faz parte desses interesses o suprimento de suas carências afetivas, materiais, sociais, religiosas, etc.

Os cultos elaborados condizem com o que o detento necessita receber de Deus, e o resultado da campanha é tido como certo e positivo aos olhos dos pastores e fiéis. Daí o respeito e a obediência aos ritos praticados, impedindo o esquecimento e garantindo a constante participação dos detentos nos cultos.

Pode-se notar que a religião funciona como uma admissão de fraqueza por parte do indivíduo que a reconhece no culto religioso, oferecendo-lhe segurança para a vida diária. Sobre a insuficiência do ser humano e a admissão de sua impotência tem-se a seguinte referência:

Talvez no caso da religião mais do que em todos os outros casos, porque a religiosidade não é, afinal, nada mais do que a intuição dos limites até os quais os seres humanos, sendo humanos, podem agir e compreender.” (...) “A desconfiança de que há coisas que os seres humanos não podem fazer e coisas que os seres humanos não podem compreender quando entregues a seus próprios juízos e músculos, não obstante estendida pelos dispositivos que eles podem inventar usando os mesmos juízos e músculos que foram dotados, dificilmente é afastada, algum dia, do nível da consciência: mas não muito freqüentemente ela alcança esse nível. (Bauman, 1998: 208-9).

Compreendendo que as situações que envolvem um presídio no terceiro milênio e a vida pós-moderna sugerem a “insuficiência do homem” face aos seus anseios, a religião aparece como um sistema capaz de responder ao sofrimento e à ameaça de colapso dos valores morais, sendo necessário ao homem recorrer a um ‘outro mundo’ para ainda atribuir sentido ao que lhe ocorre nesta vida:

Hoje, portanto, numa sociedade cada vez mais dessacralizada, mais centrada no indivíduo e regida pelas regras do mercado, outras instituições e práticas, firmemente ancoradas neste mundo, responderiam em grande parte a essas demandas – da psicanálise ao consumo compulsivo compensatório, da busca do prazer e do lazer às drogas, como gostam de intentar os psicólogos -, deixando a cargo de cada um a tarefa de encontrar num campo religioso também ele aberto às vicissitudes do mercado pelos próprios caminhos e respostas, que sempre compósitas, às poucas questões para os quais não encontra neste mundo outras já dadas e igualmente satisfatórias. (Montes, 1998: 72).

Segundo O’Dea (1969, p. 61) o ato de culto é um ato social de reunião, em que o grupo restabelece sua relação com os objetos sagrados e, através destes, com o além, e ao fazê-lo reforça sua solidariedade e reafirma seus valores.

A assistência religiosa é um dos direitos adquiridos pelos presos, assegurada pela Lei de Execução Penal:

Artigo 24 - Da Assistência religiosa: A assistência religiosa, com liberdade de culto, será prestada aos presos e aos internados, permitindo-se-lhes a participação nos serviços organizados no estabelecimento penal, bem como a posse de livros de instrução religiosa.

§ 1º No estabelecimento haverá local apropriado para os cultos religiosos.

§ 2º Nenhum preso ou internado poderá ser obrigado a participar da atividade religiosa.

Artigo 41 – Constituem direitos do preso: ... VII – assistência material, à saúde, jurídica, educacional, social e religiosa. (Gomes, 2003: 112 - 535).

Quanto aos direitos e deveres do preso, o instituto prisão em Goiânia parece estar bem servido no que diz respeito ao direito da assistência religiosa, pelo menos para as igrejas pentecostais, que gozam da legalidade prometida pela constituição. Em relação à assistência material, à saúde jurídica, educacional, social, etc., esses direitos apresentam-se na forma de significativas lacunas.

O pentecostalismo, bem como a religião em si, torna-se instrumento de conexão dos detentos com o mundo social. Desta forma, a religião torna-se um elemento agregador entre os indivíduos, ajudando-os a viver:

O fiel que se pôs em contato com seu deus não é apenas um homem que percebe verdades novas que o descrente ignora, é um homem que pode mais. Ele sente em si mais força, seja para suportar as dificuldades da existência, seja para vencê-las. Está como que elevado acima das misérias humanas porque está elevado acima de sua condição de homem; acredita-se salvo do mal, seja qual for a forma, aliás, que conceba o mal. (Durkheim, 2000: 459).

Como explica Durkheim na citação anterior, o fiel está como que elevado acima de suas misérias humanas, o que no caso do presídio, a religião assume papel importante para o detento quando ele sente em si mais força para enfrentar as dificuldades da prisão e acredita-se salvo do mal, cuja maldade é representada pelos riscos que são apresentados naquele lugar.

A partir dessa análise, pode-se concluir que a plausibilidade da religião, como afirma Bauman (1998: 208-9), não é, nada mais do que a intuição dos limites até os quais os seres humanos, sendo humanos, podem agir e compreender. O referido autor é um dos que não acreditam que o ser humano é naturalmente religioso, acreditando que a religião é, na verdade, a consciência da insuficiência humana, ou seja, refere-se à consciência humana de sua impotência e fraqueza.

Com base na idéia de Bauman, pode-se fazer uma relação entre a efervescência religiosa das igrejas pentecostais e a mensagem de que o indivíduo humano não é auto-suficiente e não pode ser auto-confiante. Não se pode condenar a si mesmo, pois ele precisaria ser guiado, dirigido e informado do que fazer.

Girard (1998: 333) faz a analogia de uma comunidade com um único navio perdido em um oceano sem margens, ora pacífico e sereno, ora ameaçador e agitado. E a primeira condição para não naufragar é conformar-se com as leis de navegação impostas pelo próprio oceano. Mas a mais extrema vigilância não garante que se flutuará para sempre: o casco faz água e é preciso impedir que a água tome todo o navio, repetindo os ritos (...)

Enfim, é dentro dessa perspectiva que a pesquisa tornou-se viável, porque se não fosse o significado religioso que estas igrejas têm para os detentos, este estudo não teria sequer iniciado. Dessa relação entre prisão e igreja, há um universo de significados: por meio de rituais, homens se tornam santos, pecadores se tornam perdoados e purificados. Sejam os cantos, os testemunhos, as orações ou mesmo os sermões dos pastores ou outros ritos praticados dentro dessas igrejas, certamente farão menção à insuficiência do homem e ao reconhecimento do sagrado.

Referências Bibliográficas

ALVES, D. *Relatório de trabalho de evangelização*. [citado 15 abril 2004], Disponível na World Wide Web: <http://www.ipda.org.br>

ANTONIAZZI, A. *et al. Nem anjos nem demônios: Interpretações sociológicas do pentecostalismo*. 1996. 2 ed. Petrópolis.

ASSMANN, H. e MATE, R. *Sobre la religion*. 1974. Salamanca, Síngueme.

BAUMAN, Z. *O mal estar da pós-modernidade*. 1998. Trad. Mauro Gama e Cláudia Martinelli Gama. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed.

- BERGER, P. 2001. A dessecularização do mundo: uma visão global. *Religião e Sociedade*. São Paulo, vol 21, n. 1.
- BOURDIEU, P. *A economia das trocas simbólicas*. 1998. 5 ed. São Paulo, Perspectiva.
- CAMPOS, L. *S.Teatro, templo e mercado: organização e marketing de um empreendimento neopentecostal*. 1997. 2 ed. Petrópolis, Vozes, São Paulo, UMES.
- CORTEN, A. *Os pobres e o Espírito Santo: o pentecostalismo no Brasil*. 1996. Petrópolis, Vozes.
- COSTA, C. *Sociologia: introdução à ciência da sociedade*. 1997. 2 ed. São Paulo: Moderna.
- DURKHEIM, É. *As formas elementares de vida religiosa*. 1989. Trad Joaquim Pereira Neto. São Paulo, Paulinas.
- ELIADE, M. *Mito e realidade*. 1972. São Paulo, Perspectiva.
- FOUCAUT, M. *Vigiar e Punir: nascimento da prisão*. 1986. Trad. Lígia M. Pondré Vassallo. 4 ed. Petrópolis, Vozes.
- GIRARD, R. *A violência e o sagrado*. 1990. Rio de Janeiro, Paz e Terra.
- GOFFMAN, E. *Manicômios, prisões e conventos*. 1996. 5 ed. São Paulo, Perspectivas.
- GOMES; L. F. *Constituição Federal, Código Penal, Código de Processo Penal*. 2003, 5 ed. São Paulo, Revista dos Tribunais.
- MARIANO, R. *Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil*. 1999. São Paulo, Loyola.
- MALINOWSKI, B. *Magia, ciência e religião*. Trad. Maria Georgina Segurado. 1988. Lisboa: Edições 70.
- MARIZ, C. 2001. *Secularização e dessecularização – comentários a um texto de Peter Berger*. *Religião e Sociedade*. São Paulo, vol. 21, n. 1.
- MELO, F. V. C. 2005. Braga. *Nem culpa, nem condenação: a saída pode ser Jesus! A atuação das igrejas pentecostais na Agência Prisional de Goiânia*. Goiânia, UCG.

- MOREIRA, A. da S. (org.). *Sociedade global: cultura e religião*. 1998. Petrópolis, Vozes.
- MONTES, M. L. *As figuras do sagrado: entre o público e o privado*. In: SCHWARCZ, Lilia Mortiz. *História da Vida Privada no Brasil*. 1998. São Paulo, Companhia das Letras. Vol. 4.
- O'DEA, T. F. *Sociologia da religião*. 1969. Trad. Dante Moreira Leite. São Paulo, Pioneira.
- OLIVEIRA FILHO, E. D. *O vácuo do poder e o crime organizado: Brasil, início do século XXI*. 2002. Goiânia, AB.
- ORO, I. P. *O outro é um demônio. Uma análise sociológica do fundamentalismo*. 1996. São Paulo, Paulus.
- ORO, A. P. 1992. *Podem passar a sacolinha: um estudo sobre as representações do dinheiro no neopentecostalismo brasileiro*. *Cadernos de Antropologia*. Porto Alegre, 9: 7-44.
- WEBER, M. *Economia e sociedade*. 1991. Trad. Regis Barbosa e Karen Elsabe Barbosa. Volume I. 1991. Brasília, Editora UnB.
- _____. *Economia e sociedade*. Volume II. 1999. Trad. Regis Barbosa e Karen Elsabe Barbosa. Brasília, Editora UnB.

ANEXOS



Ilustração 1: (ALVES, 2004). Fotografia de um preso se preparando para o batismo em águas correntes fora da Agência Prisional com permissão do diretor do presídio e escolta de policiais.

Recebido em abril/2007.

Aprovado em junho/2007.